

Internet Segura no 1º Ciclo do Ensino Básico

A Internet como recurso educativo na Prática de Ensino Supervisionada

Internet Safe in the 1st cycle of basic education

The Internet as an educational resource in Supervised Teaching Practice

Henrique Gil

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de
Castelo Branco, Portugal
Centro de Administração e Políticas Públicas – ISCSP –
UL, Lisboa, Portugal
hteixeiragil@ipcb.pt

Carina Félix

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de
Castelo Branco, Portugal
carina.ramos.felix@hotmail.com

Resumo — Na escola, as TIC passam a ser um elemento constituinte do processo de ensino e de aprendizagem e os professores devem proporcionar, a todos os alunos, as mesmas oportunidades e condições a nível de literacia digital, nomeadamente através de novas e diferentes abordagens dos conteúdos. Neste sentido, esta investigação teve como objetivo principal averiguar se a Internet é segura para as crianças do 1º ciclo e quais os procedimentos preventivos mais adequados para melhorar essa segurança.

Palavras chave: *Tecnologias de Informação e Comunicação; Segurança; Internet; 1º Ciclo do Ensino Básico*

Abstract - At school, ICT become a constituent element of the teaching process and learning and teachers should provide to all students the same opportunities and conditions at the level of digital literacy, particularly through new and different approaches of content. In this sense, this research aimed to find out whether the Internet is safe for children in the primary school and the most suitable preventive procedures to improve that security.

Keywords: *Information and Communication Technologies; Security; Internet; Primary School.*

I. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, desde que surgiram as tecnologias de informação, houve uma reorganização do modo como as pessoas vivem, comunicam e aprendem. Essas alterações permitiram novos hábitos, novas práticas e novos contextos associados com as novas gerações [1].

Devido à rápida adesão da Internet por parte das crianças, existiu a necessidade de sensibilizar os pais e educadores acerca dos riscos que as crianças correm ao navegarem na Internet. É a partir daqui que surge os organismos relacionados com a e-segurança, departamentos governamentais, institutos de investigação e firmas de software que apresentam toda a informação necessária sobre

os perigos que as crianças correm ao navegarem na Internet, bem como soluções que podem mitigar esses mesmos perigos [2]. Para o efeito, a presente investigação tem como objetivo recolher dados que permitam promover novos conhecimentos relativos não apenas às potencialidades da Internet em contexto educativo mas com particular preocupação em averiguar se essa utilização é feita em segurança.

II. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA ENSINO SUPERVISIONADA

A Escola Básica Quinta da Granja, onde decorreu esta investigação está inserida no Agrupamento João Roiz, numa sala com uma turma do 2º ano de escolaridade do ensino básico, constituída por 20 alunos (13 do sexo feminino e 7 do sexo masculino), no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada. A grande maioria dos alunos tem 7 anos de idade e frequentaram todos a educação pré-escolar. Na turma não existem casos de alunos com dificuldades motoras, auditivas ou visuais.

III. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A. As TIC em contexto educativo

Durante muitos anos a sociedade tem vindo a adaptar-se às tecnologias, assumindo diferentes questões sociais, económicas, culturais e políticas. As TIC têm sido associadas a algumas das mais significativas mudanças ocorridas na sociedade a partir do século XX.

A implementação de estratégias para a introdução do uso das TIC nas escolas em Portugal têm sido discutidas nas últimas duas décadas. É ao longo dos anos 80 e 90 que houve uma progressiva instalação e utilização curricular das TIC, pois esta passou a ser entendida como recurso e como um ambiente de trabalho [3]. Neste sentido, as tecnologias devem ser usadas pelos professores e alunos de forma livre e criativa na realização das atividades. Esta perspetiva pode possibilitar ao aluno diferentes aprendizagens devido ao seu maior envolvimento na utilização das TIC. A utilização das TIC,

como ferramenta, pode ser utilizada como auxílio para atividades de projeto, investigação, comunicação ou, simplesmente, para uma simples aprendizagem através da utilização de *software* e de programas adequados. Deste modo, as TIC podem contribuir para a mudança da escola e o seu papel na sociedade, passando esta a ser um lugar de exploração de culturas, de realização de projetos, de investigação e de debate [4].

As TIC podem ser consideradas em duas vertentes: contexto pessoal e contexto educativo. No que diz respeito ao contexto pessoal, as vantagens dos computadores sentem-se com o ganho de tempo na execução de tarefas e o computador pode vir a possibilitar e facilitar a execução destas tarefas pela troca de saberes e experiências que estas tecnologias proporcionam. No contexto educativo, deve-se referir a interação diferenciada que ocorre entre os professores e alunos quando é utilizado um software específico, pesquisa online (sob a orientação do professor), comunicação por e-mail para retirar dúvidas ou até mesmo no envio de trabalhos de casa [5]. No atual contexto, a utilização da Internet tem vindo a ser realizada quer por professores quer por alunos. No entanto, são conhecidos os perigos que a utilização da Internet pode trazer se não forem tidos os cuidados necessários. A título de exemplo, perspetivando-se a sua utilização em contexto educativo, há uma necessidade para promover a formação de professores nesta área específica

B. As crianças e a Internet

Presentemente, a Internet é uma presença inevitável na vida das crianças, estas fazem parte da sociedade da informação. Este meio de comunicação depressa se afirmou como um sistema de enorme complexidade técnica e social, fazendo parte deste universo recente milhões de redes e computadores [6]. Neste universo de redes e computadores fazem parte os nativos digitais que utilizam cada vez mais a Internet. No que respeita a dados mundiais, os nativos digitais ocupam cerca de 56%, que equivale a 648 milhões da população. Podemos concluir que os nativos digitais constituem o seu próprio grupo social, formando um “mundo à parte” e influenciando cada vez mais a sociedade que os rodeia.

Os professores são mais conhecidos por “imigrantes digitais”. Esta tipologia foi dada aos professores, devido ao facto dos mesmos não terem nascido no mundo da «Era Digital», ao contrário dos nativos digitais, que “respiram” a tecnologia desde tenra idade, esta é uma grande diferença que se observa entre os nativos e imigrantes [7]. Do mesmo modo, [6], refere que atualmente é um facto que o número de crianças e adolescentes que utilizam o computador e a Internet têm vindo a aumentar freneticamente nos últimos anos. Para as crianças, estar online é uma condição de integração social e, posteriormente, o seu sucesso entre os seus pares. Assim, a televisão ou a rádio foram excluídos pelas crianças sendo a Internet a mais requisitada entre os diferentes meios de comunicação.

C. Ameaças externas: perigos na Internet

Se o leque de oportunidades é amplo, o mesmo acontece com os perigos. De facto, se há alguns anos o espaço público contemporâneo começou a ser associado a um espaço inseguro e de risco para as crianças, essa ameaça começa agora a

desviar-se para o ciberespaço, “ (...) um sítio contemporâneo de ansiedade”. Os riscos online a que as crianças estão sujeitas, levantam grandes dilemas aos pais, sobretudo quando as plataformas de acesso à Internet se multiplicam, os serviços e conteúdos disponíveis não param de se expandir

Neste sentido passa-se a apresentar a figura 1, onde se destacam os principais perigos na utilização da Internet, de acordo com [8] e [9]:

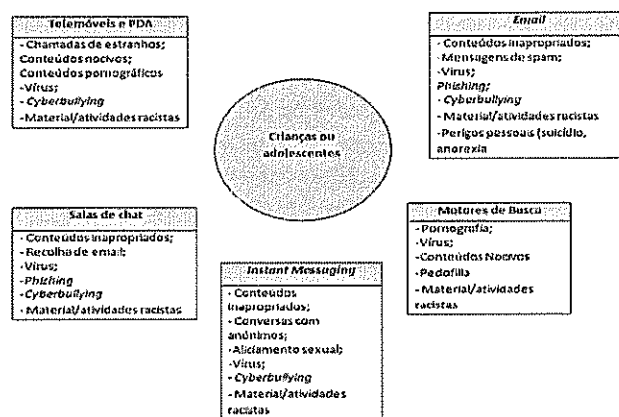


Figura 1 - Tecnologias e serviços disponibilizados na Internet que são utilizados pelas crianças (Adaptado de Santos & Manteigas, 2010 e Livingstone (2003))

Para [10], de uma forma geral, os perigos que geram maior preocupação são os que têm uma natureza social, ou seja, são aqueles que têm maior impacto na vida social e emocional das crianças. De acordo com a opinião de [11] até ao início de 2007, foram identificados e analisados 235 estudos, realizados entre 2000 e 2006, sobre as questões relacionadas com os riscos online. O projeto *EU Kids Online*, refere que Portugal foi um dos países com mais baixa incidência declarada de risco entre os países estudados: apenas 7% das crianças inquiridas referiu ter ficado incomodado por um ou mais riscos abordados, contra uma média europeia de 12%. [10], referem que a maioria das crianças afirmaram não terem tido qualquer experiência perturbadora *online*, parecendo sentirem-se confortáveis em atividades na Internet.

De acordo com a figura 1 apresentada anteriormente, serão agora analisados os vários tipos de riscos online:

- Phishing
- Aliciamento
- Pornografia infantil
- Cyberbullying

De acordo com a informação disponibilizada no site da Internet Segura, “phishing” (trocadilho com *fishing*, ou ir à pesca), consiste em utilizar métodos para que o cibernauta revele os seus dados pessoais e confidenciais. O phishing é uma “vigarice” que utiliza *SPAM* ou mensagens de *pop-up* para as pessoas revelarem os seus números pessoais do cartão de crédito, informações bancárias, números de segurança social, passwords ou outro tipo de informação confidencial

O aliciamento, é uma “conduta de um suspeito de pedofilia que dê a uma pessoa racional motivos de preocupação de qualquer encontro pessoal com uma criança, derivado dessa conduta, se pode destinar a fins ilícitos” [2].

A pornografia Infantil, através da Internet, é uma realidade infelizmente incontornável, tornando-se numa nova modalidade online, que atrai adultos, adolescentes e crianças através de enunciados sobre a pedofilia virtual. Hoje, a pornografia infantil online constitui também uma forma rentável de exploração de crianças e adolescentes, incentivando a prostituição infantil com fotos, DVDs e vídeos, mostrando nudez de adolescentes em poses de índole sexual e erótica, ainda neste contexto, a conduta criminosa das pessoas que trabalham as redes internacionais de pornografia infantil consiste, entre outras, em enganar e seduzir famílias que deixam os filhos posarem para fotos pseudoartísticas [9].

De acordo com o site da Internet Segura a expressão cyberbullying é uma palavra composta por “cyber” diz respeito ao uso das novas tecnologias de comunicação (correio eletrónico, telemóveis) e o “bullying relativo ao fenómeno dos maus- tratos por parte de “rufião” (bully) ou grupo de rufiões. O cyberbullying para [9], verifica-se quando uma criança ou adolescente, que se esconde atrás do anonimato da Internet, provoca, intimida, ameaça, atormenta, importuna ou amedronta outra criança ou adolescente. Em Portugal, o cyberbullying não é considerado um crime, mas as atividades que constituem o cyberbullying permitem que sejam tomadas medidas legais [2]. A prática do cyberbullying diminui com o aumento do nível de escolaridade, apurando-se que 74% dos alunos do 10º e 12º anos referiu que nunca enviou mensagens ofensivas enquanto que no 9º ano, essa percentagem diminui para 44% [12].

Os predadores sexuais são normalmente do sexo masculino e de meia- idade e pertencem a todas as classes sociais, normalmente sabem manusear bem as tecnologias de informação e comunicação navegando em fóruns, salas de conversação, *Instant Messaging*, blogues e sítios de relacionamento social. Conhecem bem o calão utilizado na Internet para contactar e desenvolver as suas atividades de predação sexual com menores [9]. As crianças que se encontram mais vulneráveis às ações dos predadores sexuais são aquelas que têm problemas, estão desinformadas das ações deste tipo de predadores, estão a explorar a sua sexualidade e que tentam afastar-se do controlo dos pais, procurando novos relacionamentos fora do âmbito familiar [9]. Dada a “imensidão” da Internet permite, que os pedófilos atuem livremente sem quaisquer interferências, onde muitos pedófilos desenvolveram habilidade e somaram conhecimentos que os tornam *hackers* (indivíduos com alto grau de conhecimentos sobre informática).

D. Orientações e propostas de segurança

Na opinião de [9], muitos pais e educadores por desconhecimento acerca do funcionamento da Internet e pela falta de controlo sobre a mesma, não têm capacidade de supervisionar e acompanhar as suas crianças que utilizam este meio através de tecnologias móveis ou por uma ligação fixa. Ainda de acordo com este autor existem estratégias de

mediação adotadas pelos pais relativamente às atividades online dos filhos, sendo eles:

a) Mediação ativa dos usos da Internet em geral: a presença dos pais junto das crianças e jovens, quer seja através da simples proximidade física, quer seja através da partilha das mesmas atividades (co-utilizando o computador); b) Mediação ativa dos usos seguros da Internet: ter em conta a forma como antes, durante e depois, os pais tentam guiar os filhos através do uso seguro da Internet, ajudando-os em caso de dificuldade ou discutindo o que estes devem fazer numa situação de risco; c) Restrição ativa: definir regras explícitas que restrinjam os usos das crianças e jovens que dizem respeito às aplicações (ou tipos de software) particulares; d) Monitorização: os pais devem confirmar “a posteriori” a utilização que os seus filhos fizeram da Internet, consultando para isso o histórico das atividades realizadas; e) Mediação técnica: os pais utilizam software de controlo, para filtrar, restringir ou monitorizar o uso da Internet e problemas relativos à segurança online.

Em termos genéricos, e com o estudo realizado por Eu Kids Online, cerca de 90% dos pais portugueses encontram-se envolvidos em alguma atividade de mediação. Mas a forma mais comum de mediação dos pais é falar com os seus filhos acerca daquilo que estes fazem online (83%).

De acordo com [9], existem várias formas de monitorizar as atividades que as crianças realizam na Internet. Uma delas é a aplicação de um software desenvolvido para controlar as atividades que fazem online. No entanto, na maior parte das vezes, não sabem que software existe para esse efeito, nem o sabem utilizar. Para o efeito, passa-se a referir algumas destas ferramentas digitais:

- **Sistemas operativos:** Estes sistemas têm diversas opções e políticas que podem ser configuradas de modo a conferir mais segurança quer na utilização do computador, quer no acesso à Internet;
- **Filtros de conteúdo:** São softwares que têm uma base de dados de palavras ou categorias de palavras como (sexo, masturbação, pedofilia, álcool, drogas, violência, racismo, jogos, entre outras). Quando estas palavras são pesquisadas no motor de busca não é retornado nenhum resultado;
- **Firewall:** Software que monitoriza e filtra o acesso ao tráfego de dados entre o computador e a Internet. Impede que os utilizadores não autorizados tenham acesso, através da Internet ao computador;
- **Browser:** Software tem opções de configuração de acordo com aspetos de segurança que permitem: bloquear ou condicionar o acesso a determinados sítios da Internet, registando os sítios e conteúdos consultados;
- **Bloqueador:** É um software que mantém uma base de dados de sítios proibidos e que, não podem ser acedidos pelos motores de busca;

- **Keylogger:** É um tipo de software que depois de instalado permite monitorizar as teclas que são premidas e capturar ecrãs, guardando esses dados no computador.

Para além de instalar um software específico para monitorizar o que as crianças estão a fazer na Internet, existem ainda outras formas de o fazer. Dialogar com as crianças de modo a educá-las sobre os benefícios e os riscos que podem estar expostos quando estes estão online. De um modo geral, existem 7 princípios que se podem consultar no site da Microsoft que os pais e educadores devem ter em consideração: 1) Dialogar sobre as TIC, promovendo uma comunicação aberta e positiva; 2) Alertar para os perigos online, para os conteúdos impróprios e para a invasão de privacidade; 3) Ajudar a proteger a identidade criando um nome para utilizarem por exemplo no MSN; 4) Explicar que nem tudo na Internet é correto; 5) Aconselhar a manutenção das regras de etiqueta, ou seja, que as regras de bom comportamento não se alteram só porque a comunicação é feita por computador; 6) Esclarecer sobre os direitos de autor, que fazer cópias ou downloads de músicas, filmes, videojogos é ilegal; 7) Proteger as atividades das crianças utilizando um software de segurança adequado, restrições de acesso que o ajudem a filtrar conteúdos inadequados, a monitorização dos sites que as crianças visitam.

IV. METODOLOGIA

Este estudo assenta numa investigação qualitativa do tipo investigação-ação. A investigação-ação caracteriza-se por se tratar de uma metodologia de pesquisa, essencialmente prática e aplicada, que tem como objetivo resolver problemas reais. Assim, nesta investigação o objetivo foi o de analisar se a Internet é segura para crianças do 1º CEB e quais as melhores propostas ou estratégias para melhorar essa segurança, recorrendo à entrevista semidiretiva, à aplicação de questionários e à observação, a fim de se poderem recolher opiniões e dados que possam sustentar a intervenção. A opção de uma investigação-ação pretendeu associar à observação o envolvimento dos atores da escola com as alterações necessárias, através da avaliação e correção constante das opções tomadas. De acordo, com [13], a investigação-ação "(...) trata-se de um procedimento *in loco*, visando lidar com um problema concreto localizado num contexto imediato.

A presente investigação tem uma orientação naturalista e interpretativa, visto que ocorre no contexto natural (sala de aula de uma turma do 2º ano Ensino Básico) do fenómeno analisado (as potencialidades e riscos da Internet) e pretende uma análise interpretativa da experiência dos participantes (professores, alunos e pais).

A questão problema que se pretende investigar é a seguinte: «Será a Internet segura para as crianças do 1º ciclo? Quais os procedimentos preventivos mais adequados para melhorar essa segurança?».

Para o efeito, passam-se a apresentar os objetivos e a questão de investigação que nortearam este estudo: I.

Conhecer os padrões de conduta nas pesquisas efetuadas na Internet pelas crianças e pelos pais; 2. Identificar as principais ameaças na utilização da Internet por parte das crianças, pais e professores; 3. Recolher a opinião de crianças, pais e professores relativamente à segurança da Internet fora e dentro da sala de aula; 4. Propor possíveis soluções para diminuir o impacto das ameaças e promover a divulgação das mesmas. 5. Desenvolver estratégias seguras nas atividades relacionadas com Internet em contexto educativo.

Segundo [14], a recolha de informações pode, desde já, ser definida como "(...) o processo organizado posto em prática para obter informações junto de múltiplas fontes, com o fim de passar de um nível de conhecimento ou de representação de uma dada situação, no quadro de uma ação deliberada cujos objetivos foram claramente definidos e que dá garantias de validades suficientes"

No presente estudo, considerando os objetivos, as notas de campo, as observações, o inquérito por questionário e a entrevista semiestruturada foram considerados os instrumentos mais importantes de recolha de dados. A entrevista semiestruturada foi realizada às quatro professoras titulares da escola, incluindo a professora cooperante. Os inquéritos por questionário foram aplicados aos 20 alunos da turma do 2º A do 1ºCEB de modo a recolher opiniões e informações sobre a utilização da Internet, os seus riscos e perigos. Para finalizar, as notas de campo foram bastante importantes, para registar observações, comentários, atitudes, reações e comportamentos das crianças nas diferentes atividades propostas nas aulas. É também importante referir, que as reflexões realizadas no final da aula juntamente com a professora cooperante e o "par pedagógico" ajudaram tirar a conclusões sobre as atividades propostas. Em suma, na presente investigação foram utilizados três diferentes instrumentos de investigação: a observação participante (e as respetivas notas de campo), o inquérito por questionário e a entrevista.

V. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS

A. Sessões de intervenção

A implementação das quatro sessões de intervenção permitiram retirar algumas conclusões. De uma forma positiva, verificou-se, que a turma em estudo está predisposta e interessada para aprender mais e mais. E no que concerne às TIC, no geral, os alunos mostram muito interesse pelas tecnologias facilitando assim a transmissão de informação. Outro aspeto positivo nestas sessões de intervenção foi a cooperação e o sentido de interajuda que a turma apresentou. Esta evidência já foi clarificada anteriormente mas nunca é de mais reforçar.

A professora cooperante e o par pedagógico foram pilares importantes para que todo este processo fosse concluído com sucesso. Também foi gratificante poder-se observar o sentido de responsabilidade que os alunos tiveram ao utilizar a Internet de uma forma consciente. Como aspeto negativo ou uma proposta que poderá ser melhorada em investigações futuras era o facto de cada aluno ter um computador porque teria enriquecido e aprofundado as sessões devido a um maior envolvimento ativo por parte de cada aluno. No entanto, foram

criadas condições para que todos os alunos utilizassem o computador.

B. Inquérito por Questionário

No dia da realização dos questionários, estavam presentes todos os alunos da turma, num total de 20.

Na turma A do 2º ano, todos os alunos possuem acesso à Internet em casa. Hoje em dia, para além de ser quase “obrigatório” existir um computador em casa, é também cada vez mais necessário ter a possibilidade de nos ligarmos ao mundo através da Internet. Este facto já tinha sido comentado na revisão da literatura e a população desta investigação vem comprovar os dados de que cada vez mais existe famílias com acesso à Internet

Um dado bastante interessante é o facto de que 65% da nossa amostra já conseguiram aceder à Internet sozinha. Além das crianças de hoje em dia possuírem computadores, terem acesso à Internet e acederem à mesma, têm também o conhecimento necessário para já o fazerem sem a ajuda de adultos

Da turma analisada apenas 40% não possui qualquer conta na rede social. Um dos perigos associados às redes sociais é falar com pessoas que não são nossas conhecidas, dado que essas pessoas podem ser hackers ou pedófilos. É, portanto, preocupante saber que duas das vinte crianças inquiridas têm amigos virtuais que nunca viram na vida real. Na presente turma, 70% das crianças da turma se sentem seguras ao navegar na Internet. É de realçar que crianças tão jovens já conseguem identificar que a Internet pode não ser um lugar tão seguro como aparenta ser. Todas as crianças gostaram de utilizar a Internet na sala de aula, ficando provado que a Internet, se bem aproveitada, poderá ser uma ferramenta muito útil para motivar as crianças a adquirirem conhecimento essencial no âmbito das suas aprendizagens.

Os dados recolhidos mostram que 94% dos pais sabem que os seus filhos utilizam a Internet em casa. Mais uma vez, pela resposta dos pais, existe uma criança que usa o computador mas que não utiliza a Internet. Comparando com as respostas das crianças, todas elas afirmaram usar a Internet em casa. Uma vez mais, se verificou não haver coerência entre pais e filhos.

Em relação às redes sociais, quatro pais indicam que o seu filho utiliza o Facebook, um menciona que o seu filho utiliza o Youtube e onze afirmam que os seus filhos não utilizam qualquer rede social. Mais uma vez, apercebemos que o desconhecimento dos pais em relação aos sítios frequentados na Internet pelos filhos é grande. Isto porque dez crianças afirmam ter conta no Facebook e outras crianças tem conta noutras redes sociais e apenas oito crianças dizem não ter qualquer conta numa rede social, dados que não correspondem ao que é afirmado pelos pais.

Quanto às fontes de informação/ferramentas que conhecem em termos de segurança na Internet, oito pais mencionaram o site Disney.pt/phineaseferb, seis o site do “clube penguin”, cinco o site da “Seguranet”, quatro o site da “Internetsegura” e três a aplicação Magic Desktop

Todos os pais afirmaram que o seu filho não fala com ninguém pela Internet que não conheça pessoalmente. Dado a sensibilidade desta questão, é preocupante confirmar que apesar de duas crianças terem admitido que falam com desconhecidos, nenhum pai está ao corrente de tal situação.

A opinião acerca de se as crianças devem usar a Internet nas aulas não foi unânime dado que 65% concorda com a utilização da Internet e 35% não concorda

Adicionalmente, os pais consideram que os professores possuem conhecimentos suficientes para usufruir da Internet de forma adequada e segura, enquadrando a mesma de forma correta nas atividades letivas. Por fim, a maioria dos pais considera que a utilização da Internet na sala de aula nem sempre pode ser considerada como segura.

C. Entrevistas semiestruturadas

As professoras concordam que as escolas deveriam estar melhor equipadas para dar respostas aos alunos, no que respeita a material informático. As professoras afirmam que a existência de Internet proporciona aos alunos novas experiências e diferentes aprendizagens. Por outro lado, quando se coloca a questão de implementar as TIC nas metas e no programa do 1º ciclo, as professoras acham desnecessário a sua implementação. O argumento associado a esta opinião é o facto de que já existem muitas metas a nível das outras áreas. Neste sentido estas professoras são da opinião que as TIC correspondem a uma área “à parte”, devendo as mesmas serem promovidas e utilizadas no âmbito das AEC. No entanto, as docentes mostraram preocupação em adquirirem maior conhecimento e formação nesta área, manifestando interesse em frequentar ações de formação que lhes permitam as evoluções numa sociedade informatizada.

Foi ainda realizada uma entrevista a uma docente especialista na Segurança na Internet do MEC, donde se conclui que existem mais vantagens do que desvantagens. A Internet, no seu entender, faz parte da vida das crianças e os alunos têm uma vasta gama de dispositivos com ligação à Internet que podem usufruir, dentro e fora da sala de aula. A escola deixa assim de ter muros e paredes permitindo às crianças trabalharem com as mesmas realidades com que trabalham fora da escola. A especialista refere que, em relação às desvantagens, por vezes, existe o receio de os alunos quando têm uma atividade por realizar, estes não a conclua porque estão a navegar na Internet (Facebook). No entanto, para a entrevistada, os alunos se estiverem motivados com a atividade, e conseguirem concluí-la, entende que se podem deixar os alunos navegar na Internet após terminar em a proposta. Como foi ainda referenciado pela entrevistada, as crianças são nativos digitais e, por vezes, têm dificuldades em saberem diferenciar o mundo real do mundo virtual, achando que se podem comportar da mesma maneira no mundo real como se comportam no mundo online. De acordo com os riscos mencionados pela especialista foram mais evidenciados: bullying e os predadores sexuais.

VI. CONCLUSÃO

O objetivo principal desta investigação consistiu em descrever e analisar se a Internet é segura para as crianças em contexto sala de aula, no processo de ensino-aprendizagem, a

partir de sessões de intervenção que foram implementadas numa turma do 2º ano do 1º Ciclo de Ensino Básico, a fim de se poderem recolher dados relativos a esta questão tão pertinente e atual.

Nesta investigação também foram objeto de estudo as opiniões dos pais/encarregados de educação e das professoras titulares da escola Quinta da Granja que disponibilizaram o seu tempo para responder a algumas perguntas acerca da segurança na Internet. Também foi nosso objetivo, proporcionar aos alunos formas de aprendizagem diferentes: mais seguras, apelativas, interativas e motivadoras. Foi desta forma que disponibilizámos ferramentas digitais para os alunos poderem rentabilizar os recursos da Internet no seu processo de ensino aprendizagem

Os resultados deste estudo, através da realização do questionário às crianças e da elaboração de atividades em contexto sala de aula, permitem concluir que as crianças ainda não possuem um conhecimento suficiente para estarem completamente à vontade para realizarem pesquisas de forma autónoma na Internet. No entanto, as mesmas admitem também que a ajuda da professora é essencial na tarefa online. Neste contexto, foi também realizado um questionário aos alunos e aos pais assim como, entrevistas às professoras titulares para averiguar quais as principais ameaças utilização da Internet. As ameaças mais conhecidas pelas crianças são: roubo, cyberbullying e crimes. As mais conhecidas pelos pais são: pedofilia e a utilização de dados pessoais por parte de terceiros e crimes. As professoras identificaram como principais ameaças as seguintes: bullying, pedofilia, roubos. Tendo em consideração as respostas dos inquiridos, conseguimos concluir principais ameaças na utilização da Internet: bullying, pedofilia e roubo. Outro objetivo que foi cumprido foi a recolha da opinião das crianças, pais e professores relativamente à segurança da Internet fora e dentro da sala de aula. Também, através da realização dos questionários aos pais e alunos e das entrevistas realizadas às professoras titulares. Pelos dados recolhidos, podemos inferir que os pais não se sentem seguros quando os seus filhos navegam na Internet, ao invés das crianças que afirmam saber que estão seguras, apesar de se sentir que não estão muito conscientes dos reais riscos. Como tal é fundamental existir um acompanhamento de adultos (pais/encarregados de educação e professores) quando as crianças se encontram a navegar na Internet.

Também foi nosso objetivo propor possíveis soluções para diminuir o impacto dos riscos e das ameaças e promover a divulgação das mesmas. Este objetivo foi cumprido através da realização dos questionários e da elaboração de atividades em contexto educativo. Estas soluções dão a conhecer sites que abordam a segurança na Internet, sendo eles: o “Seguranel” e o “InternetSegura”, a ferramenta Windows Defender, acompanhamento/supervisão das crianças, quando estão a utilizar a Internet e, por fim, aplicar filtros nos motores de pesquisa utilizados pelas crianças. A implementação de estratégias seguras nas atividades relacionadas com Internet em contexto educativo foi outro objetivo atingido. É crucial informar as crianças acerca dos perigos que correm quando

utilizam a Internet. A realização de atividades que envolveram pesquisa online, como acompanhamento da professora ou de um responsável também é um aspeto importante. As crianças ganham confiança e conhecimento para poderem usufruir do potencial da Internet de forma segura.

Ao chegar ao nível final deste estudo, concluímos que esta investigação pode ter contribuído para uma melhor tomada de consciência em relação a uma utilização mais segura da Internet. Contudo, sente-se que é necessário fazer mais, envolvendo pais e professores, para que ambos possam ser capazes de ajudar as crianças a utilizar a Internet de uma forma mais segura de forma a potencializar e incrementar o uso das TIC e da Internet, em particular, no processo de ensino aprendizagem.

REFERENCIAS

- [1] Simões, L. e Gouveia, L. (2009). *Geração Net, Web 2.0 e Ensino Superior*. Acedido a (10 de maio de 2014), no website da: Universidade Fernando Pessoa: http://www2.ufp.pt/~lmbg/com/ls_cem6_09.pdf.
- [2] Whitby, P. (2012). *O seu filho está seguro online?*. Amadora: Editora Vogais.
- [3] Vieira, M. (2005). *Uma perspetiva critica sobre as TIC num contexto escolar*. Acedido a (20 de abril de 2014), no website do: Repositório da Universidade do Minho: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3276/1/Tese_Educacao_Sociedade_Informacao_AV.pdf.
- [4] Ponte, J. (2000). *Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios?* Acedido a (05 de abril de 2014), no website do: Repositório da Universidade de Lisboa: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3993/1/00-Ponte%28TIC-rie24a03%29.PDF>.
- [5] Paiva et al. (2002). *Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação pelos professores Portugueses*. Acedido a (16 de maio de 2014), em <http://ism.dei.uc.pt/ribic/docfiles/tx200373118546paper-241.pdf>.
- [6] Candeias, C.(2008). *Crianças e a Internet: Na Balança dos riscos e das oportunidades*. Acedido a (20 de abril de 2014), em <http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/TeseCatiaCandeias.pdf>.
- [7] Prensky, M. (2001). *Nativos Digitais, Imigrantes Digitais*. Acedido a (18 de maio de 2014), em <http://barbarabrites.wikispaces.com/A+tecnologia+na+escola+contempor%C3%A2nea>.
- [8] Livingstone, S. (2003). Children’s use of the Internet: reflections on the emerging research agenda
- [9] Santos, P. e Manteigas, J. (2010). *Internet Segura para Crianças - Guia para Pais e Educadores*. Editora Lidel – Zamboni.
- [10] Martins, M. e Pinto, P. (2008). *Tecnologias, Ecologias da Comunicação e Contextos Educacionais*. Acedido a (20 de maio de 2014) <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18157/1/Tecnologias%2c%20Ecologias%20da%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20Contextos%20Educacionais.pdf>
- [11] Ponte, C e Vieira, N. (2007). *Promoção de comportamentos seguros na Internet: um estudo de caso*. Acedido a (02 junho de 2014), no website do: Repositório da Universidade do Minho: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7050/1/Challenges07-MJG-LV-PD.pdf>.
- [12] Azevedo, P. (2012). *Cyberbullying no Diário de Notícias*. Seminário III de I&DT. Instituto Politécnico de Portalegre.
- [13] Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- [14] Ketelle, J.; Roegiers, X. (1993). *Metodologia da Recolha de Dados: Fundamentos dos Métodos de Observações de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.